

Saga

Bela Adormecida

ADORMECENDO NA ESCURIDÃO
Livro 1

K. F. Zacharias

3ª edição
São Paulo
Edição do Autor
2020

Copyright © 2014 by Karen F Zacharias
All rights reserved.

Original Title:
“Saga Bela Adormecida
Adormecendo na Escuridão”

Edição
Daniel Rondon
Emily Rapoport

Revisão
Alessandra Angelo
Daniel Rondon
Emily Rapoport

[2013]
Todos os direitos reservados
KAREN FORNAZARI ZACHARIAS
www.SagaBelaAdormecida.com.br
São Paulo - Brasil

Registro n° 595094 26/03/2013 Biblioteca Nacional

“O sonho é a estrada real que conduz ao inconsciente.”

Sigmund Freud

“Quem luta com monstros deve velar por que, ao fazê-lo, não se transforme também em monstro. E se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti.”

Friedrich Nietzsche

“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.”

Carl Jung

PARTE 1

CAPÍTULO 1

O NASCIMENTO

Era noite de eclipse, a lua começou lentamente a reaparecer no céu, mas agora tinha uma cor avermelhada, como um sangue diluído, e parecia maior do que antes. Dominava o céu, única e gigante, a lua vermelha.

Em meio àquela luminosidade sinistra estava o castelo de Valescia, uma enorme fortaleza construída sobre uma elevação montanhosa cercada pelas águas calmas do lago Noth. As nove torres construídas ao longo do cume da montanha eram conectadas por grandes muralhas e formavam um perímetro impenetrável.

Dentro de um amplo aposento, na torre mais alta, deitada em uma enorme cama estava a rainha Catarina. Sua face estava contraída, a testa formava vincos e os lábios se encolhiam, enquanto a enorme barriga sob a fina túnica branca se endurecia.

- Vamos, alteza, empurre com força! -

murmurou Trina, a protetora alta de músculos fortes.

Aquele era um momento de decisão, Trina precisava fazer algo. Uma escuridão começou a tomar a mente de Trina e ela sentiu a garganta raspar. Aquela escuridão não a abandonava desde que havia se tornado uma protetora. Era como se houvesse um animal desvairado dentro de si, que ela se esforçava para controlar o tempo todo.

Catarina soltou um grito estridente tirando Trina do devaneio:

- Trina, faça alguma coisa ou vou perder meu bebê! - implorou a rainha quando um jato de sangue começou a escorrer por suas pernas.
- É o meu sangue, Trina, a rainha malévola o envenenou, quer matar meu bebê.

Trina se levantou e foi para o parapeito da janela aberta, ela olhou a lua vermelha imponente no céu e seu maxilar apertou forte fazendo os dentes brancos rangerem. *Não faz sentido. Sangue envenenado?! Aquela afirmação lhe parecia apenas um delírio da mente fatigada de Catarina, mas de qualquer forma o parto já havia se alongando demais, Catarina e o bebê corriam risco de morte.*

A protetora puxou uma garrafa do bolso e deu um gole largo na bebida forte. Fechou os olhos e sentiu os poros se arripiarem em um relaxamento breve. Então ela rumou até a porta e chamou o nome das outras protetoras, Olivia e Helena. Em segundos entraram as outras duas e se aproximaram de Trina. As três pareciam irmãs, tinham a pele e os cabelos tão claros que pareciam reluzir na penumbra.

- Olivia, faça o remédio, rápido! - sussurrou Trina ríspida.

Helena alargou os olhos, agarrou o braço de Trina com força e a puxou para um canto.

- Você está fora de si? Quer dar aquela poção à rainha?! Ela irá morrer! - Helena tinha um corpo comprido e magro, mas era bem mais forte do que aparentava. Trina, por outro lado, tinha músculos bem evidentes e avolumados.

Trina remexeu o braço e bufou na cara de Helena. Olivia se aproximou e entrou no meio das duas:

- O bebê precisa viver, não temos escolha. Só porque a rainha pode morrer não significa que irá morrer - argumentou Olivia.

Um silêncio denso pairou no ar por alguns instantes.

Trina se virou para Helena e mirou fundo seus olhos azulados:

- Você está certa, Helena, existe um risco, é uma decisão que não cabe a nós. Mas vamos dar à rainha uma possibilidade e pedir aos deuses que nos guiem para ajudá-la da melhor forma - respondeu Trina, mas desta vez menos rude. Helena apenas assentiu com desagrado.

- Está certo - disse Olivia e saiu imediatamente em direção ao final do corredor, seus pés pareciam deslizar sobre o chão, ágeis e silenciosos.

Ela retornou num piscar de olhos trazendo consigo um saco de pano e uma cumbuca pequena.

Em seguida, abriu o saco e começou a retirar ervas e pequenos frascos com líquidos coloridos espessos. Enquanto Olivia colocava os ingredientes na cumbuca, Helena mexia vigorosamente e Trina apenas observava estralando os ossos dos dedos.

Pegando a cumbuca na mão, a protetora Trina se recompôs numa máscara serena e foi em direção à rainha:

- Alteza. - Trina examinou Catarina, ela tinha olheiras fundas e estava muito pálida. - O

trabalho de parto está muito demorado. – Trina mal terminou de falar e a rainha pegou em suas mãos.

– Salve meu bebê, Trina, por favor. – A rainha estava quase sem voz.

– Alteza, este remédio irá acelerar o parto, mas existem riscos, seu corpo está fraco. Você me entende? – Trina averigou o olhar cansado da rainha. A rainha apenas assentiu.

– A decisão é sua, alteza – terminou Trina.

Sem hesitar, a rainha Catarina puxou a cumbuca das mãos de Trina e engoliu todo o líquido viscoso. Em segundos seu rosto enrubesceu e um suor denso começou a escorrer por suas têmporas.

Trina torceu um pano molhado numa bacia que repousava sobre o criado-mudo e enxugou a testa da rainha.

– Deixe a água fluir e o sangue límpido correr, que o bebê venha a esse mundo com vida porque é assim que deve ser – ecoou a voz de Trina, enquanto uma turbulência se espalhava pelo corpo de Catarina.

A rainha soltou um urro estrepitoso e começou a se contorcer enrijecendo todo o

corpo. Os olhos esbugalhados lançavam lágrimas de dor. Ela não aguentava mais, a dor dava-lhe pontadas por todo o corpo e o ventre ardia e a esmagava. As contrações ficavam mais fortes a cada segundo. Catarina urrou novamente. A dor era insuportável.

- Empurre! Empurre! - ordenava Trina com firmeza vendo que a rainha começava a empalidecer ainda mais. Ela comprimia a barriga da rainha no alto procurando ajudar. - Vamos, alteza, empurre! Pelo seu seu bebê!

Catarina uniu as mãos em oração, há tanto que ela havia esperado por aquele bebê, as lembranças permearam seus pensamentos, desde o primeiro chute suave em sua barriga ao último pontapé em suas costelas, ela amava aquele pequeno ser mais do que tudo no mundo antes mesmo dele existir fora dela.

A rainha inspirou e usando toda a força que ainda lhe restava contraiu todos os músculos do corpo, o bebê começava a nascer. A dor ficou ainda maior, ela sentia seu corpo queimar.

Um choro agudo soou pelo quarto.

- Nasceu! Nasceu! É uma linda menina! - gritou a protetora Helena agarrando a criança. Helena pegou uma toalha macia e suavemente

envolveu a pequena princesa, examinou-a por alguns instantes depois se aproximou de Catarina.

- Ela está bem, Alteza, fique tranquila - afirmou a protetora olhando para o bebê com ternura.

A rainha estava toda ensanguentada e abatida. Ela respirava com dificuldade e se esforçava para ficar alerta. Ao ver sua menina seus olhos se encheram de lágrimas. A noite estava indo embora e uma claridade começava a invadir o quarto.

- Minha pequena filha, você é a claridade de uma nova manhã após uma longa noite de tormento. Você se chamará Aurora, e trará muita luz a este mundo.

Assim que terminou a frase, a rainha fechou os olhos e desfaleceu na cama mergulhando num estado inconsciente. A protetora Olivia se aproximou com rapidez e começou a tateá-la.

As criadas que estavam perto permaneceram paralisadas esperando a tragédia. Uma atmosfera sepulcral tomou conta do local. Helena voltou-se em direção a elas e lhes entregou o bebê:

- Cuidem do bebê! Vão! Vão! Levem a

princesa para os cuidados de Noltuti. A rainha precisa repousar. Andem! – continuou Helena guiando delicadamente as criadas para a porta.

Mas antes que as criadas saíssem, Trina as cercou e as encarou com olhos fuzilantes:

– Não quero ouvir um comentário sobre a saúde da rainha! Vocês entenderam?! E ninguém mais entra aqui até que uma de nós dê a ordem! – a protetora proferiu gravemente. Em seguida, empurrou as criadas para fora fechando a porta num estrondo alto.

CAPÍTULO 2

REVELAÇÃO DA PROFECIA

As paredes frias do quarto de Catarina tinham um tom amarronzado. O teto era revestido de madeira, quase dando continuidade ao tom das paredes. O chão de pedra escura e fria estava repleto de tapetes coloridos e felpudos, distribuídos por todo o cômodo.

A cama toda trabalhada em prata, acolhia a rainha Catarina, inconsciente desde o parto. Ao seu lado estava um berço alto e confortável onde a pequena Aurora dormia.

Próximo à lareira, de frente para a cama, havia uma mesa redonda pequena cercada de quatro poltronas forradas em couro onde estavam o rei Cristóvão Hart e o protetor Noltuti.

- Vossa majestade deveria ir dormir um pouco, eu ficarei aqui com elas - disse o protetor. Noltuti era o único protetor homem, e

assim como as três protetoras, ele também sentia algumas estranhezas, mas ele parecia lidar melhor com os ímpetos sombrios, talvez porque tivesse mais maturidade quando passara pelo ritual dos protetores, ou talvez porque sempre convivera com um lado obscuro dentro de si.

- Catarina está bem, Noltuti? Ela viverá? Por que não acorda? - questionou o rei com os olhos cheios, dois oceanos azuis prestes a transbordar, depois soltou um suspiro e voltou a encarar o chão, enquanto o rosto anguloso era pressionado pelas pontas dos dedos longos. Seus ombros largos e fortes se encurvaram e ele se apoiou sobre os braços. O peito musculoso, sempre projetado para frente como de uma águia pronta para alçar voo, estava murcho e pouco se movia com a respiração.

- Dê tempo a Catarina, meu rei - ponderou o protetor Noltuti e passou a mão sobre os cabelos loiro prateados, depois roçou os dedos na barba branca curta - Ela logo irá se recuperar. - Ele se levantou e foi até o berço. - Aurora é uma linda menina. A eleita que tanto esperávamos está conosco finalmente. - Ele se virou para o rei: - Procure descansar um pouco, majestade.

O rei hesitou por alguns segundos, reflexivo, e então se levantou, foi até Aurora,

olhou seu pequeno rostinho amassado, suas bochechas rosadinhas, acariciou-lhe delicadamente e sorriu. Depois rumou até Catarina, sentou-se ao lado dela na cama e segurou sua mão.

- Nossa princesa é linda, minha rainha. Estamos esperando por você, volte logo para nós - falou o rei sentindo o coração martelar. Ele deu um beijo suave na testa da rainha e depois saiu do aposento.

Segundos após sua saída, entrou o Conde Orebe de Posterga.

O protetor Noltuti desviou os olhos para a porta, avaliando aquele que acabara de entrar. Orebe era um homem rechonchudo e pequeno, tinha um cabelo escuro e volumoso, mas somente nas laterais da cabeça, o que lhe dava um aspecto peculiar. As sobrancelhas eram meio ralas e o nariz adunco tomava boa parte da face. A papada cobria toda a parte frontal de seu pescoço curto e grosso, o que criava uma sensação de achatamento na altura.

- Boa noite, Conde Orebe, vejo que veio me fazer companhia - cumprimentou-o Noltuti.

- Venho cuidar de minha rainha, garantir que fique bem e em segurança - resmungou

Orebe.

Conde Orebe era um amigo de confiança da rainha. Eles haviam se conhecido alguns anos antes da rainha engravidar, quando Orebe perdeu terras e teve que se deslocar para um condado próximo ao castelo. O Conde prestava favores à rainha, estava sempre às suas ordens, um bajulador nato.

- Muito bem. Espero que se divirta. Será nossa primeira noite juntos! - replicou Noltuti jocoso.

Orebe remexeu o nariz e levantou o lábio mostrando os dentes. Depois expirou o ar com força e apertou os olhos deixando as olheiras ainda mais arroxeadas.

Noltuti sorriu novamente e fechou os olhos recostando-se na poltrona. Ele era comprido e suas pernas pareciam ainda mais longas quando ele as esticava.

Em poucas horas os dois dormiam na calma noturna. Somente o crepitar suave da lareira quebrava o silêncio profundo.

Catarina então resmungou algo incoerente e depois, num ímpeto explosivo levantou metade de seu corpo, puxou o ar profundamente e soltou um gemido longo que

ecoou nas paredes do quarto.

O protetor Noltuti saltou e foi em direção à cama. Os olhos de Catarina estavam semiabertos, como quem ainda está dormindo, mas seu corpo trepidava inteiro. O som de seus gemidos era nasalado e grave, em nada se assemelhavam com a suavidade de sua voz.

Uma lufada de vento intensa e gelada atingiu a janela de madeira lateral à cama, fazendo-a bater nas arestas e então a abriu escancarando-a para a noite.

Catarina começou a balbuciar:

- Aquilo que se diz sobre o ressurgimento dos eleitos já se concretizou, eles já estão entre nós, a conexão com o elemento deve ser fortalecida para que o propósito maior eles possam cumprir. - Catarina tomou ar e voltou a falar com mais força e de modo mais desagradável. - Os ventos sopram mudanças, a criança que descender de berço real, a quinta eleita, a eleita do espírito, terá em si o poder poderoso de todo o poder, o poder dos cinco elementos. - Ela pausou e agarrou o braço de Noltuti - As forças obscuras temem o grande poder da eleita do espírito. A tristeza e a escuridão atravessarão o reino de Valescia novamente. Somente a poderosa eleita Hart,

somente ela poderá unir as forças dos clãs. Ela é o elo que manterá a paz e o equilíbrio. Sem ela haverá ainda mais sofrimento, matança e caos. Até que seu poder se complete, ela precisa ser protegida, precisa ser protegida, precisa ser protegida!!! - O som da voz da rainha era aterrorizantemente fúnebre.

Orebe tinha um olhar assombrado. Seus músculos estavam enrijecidos e suas unhas cravavam buracos nas mãos.

- O que é isso, Noltuti? Por que ela está falando assim? - questionou Orebe.

Noltuti mal piscava:

- Ela está completando a profecia - sussurrou o protetor - só quem está à beira da morte consegue ser porta-voz do outro mundo.

Orebe começou a tremer no mesmo momento, ele rumou para a porta e saiu rapidamente do aposento.

Noltuti observou Orebe sair, fechou a porta, rodeou todo o quarto certificando-se de que não havia mais ninguém e depois voltou para perto da rainha.

- Diga-me! O que mais? O que falta revelar? Diga-me! - falou Noltuti num tom áspero em

direção a Catarina. Ele sabia que faltava algo, a profecia não estava completa, as peças do quebra-cabeça ainda não se encaixavam, ele precisava saber mais.

Vendo que ela começava a relaxar, ele começou a procurar algo nas próprias vestes, e logo encontrou um frasco pequeno. Ele arrancou a tampa com ferocidade e colocou junto do nariz de Catarina. Instantaneamente, ela começou a tremer ainda mais, seus membros se agitaram numa dança medonha contra os lençóis macios. Sua respiração tornou-se pesada e as palavras voltaram a sair de sua boca no mesmo tom agourento:

- Haverá uma criança, diferente, mas idêntica em natureza, ela não deve parecer ser quem realmente é, essa é parte de sua jornada. Para separar o sutil do denso, e definir o grande poder da eleita do espírito, haverá privações e desafios. O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, o que um dia foi usado para matar pode trazer à vida se antes a morte não levar.

O corpo tenso de Catarina expeliu um último gemido e amoleceu na cama relaxado. Logo em seguida, Catarina abriu os olhos como quem acorda de uma noite de sono agitada.

- Noltuti? - ela chamou reconhecendo-o.

- Sim, minha rainha - respondeu ele ainda com os pensamentos voltados para a revelação, memorizando cada palavra para depois analisar com cautela. Ele procurava disfarçar o semblante e sorrir. Tentando ganhar tempo para se recompor, ele rumou para a janela, fechou-a e depois espiou ligeiramente a princesa no berço.

A rainha olhava ao redor fitando o quarto, acordando seus pensamentos, livrando-se do torpor. No momento em que ela notou a presença do berço, arregalou os olhos como se tentasse dizer algo antes mesmo de conseguir articular as palavras.

- Como está minha filha, Noltuti?? - perguntou ansiosa.

- Aurora dorme em paz, tudo está bem, estávamos esperando Vossa Alteza despertar - a voz dele era uma melodia suave e transparecia calma. Ele se aproximou da rainha e tateou-lhe a testa e os pulsos.

- Noltuti, chame o rei, por favor, quero muito vê-lo - solicitou a rainha num tom suplicante. Catarina se sentia vulnerável, seu corpo estava frágil, ela temia não poder estar ali por Aurora.

- Sim, alteza. - Aproveitando a oportunidade para sair do quarto e repensar secretamente o que tinha acabado de ouvir, Noltuti despediu-se e cruzou a porta em passos largos. Aquela informação era de grande importância para o futuro de Valescia e ele jamais mencionaria a alguém antes de saber o seu real significado.

Sozinha no quarto, Catarina deu um suspiro profundo e lento como se tentasse assimilar a realidade. Ela mexeu levemente as pernas e cerrou os olhos por alguns minutos avaliando o estado de saúde de seu corpo. Ao abrir os olhos novamente ela procurou o berço. Aurora parecia dormir sem agitação pois não se ouvia nenhum ruído oriundo da pequena cama.

A porta do quarto se abriu devagar fazendo a dobradiça ranger. Catarina se virou para observar, mas não viu ninguém. Uma dor intensa então invadiu seu ventre fazendo-a se contrair. Ela sabia que devido às complicações do parto dificilmente seria capaz de gerar outra vida.

Catarina suspirou várias vezes ainda sentindo fisgadas na barriga. Seu campo visual se tornou embaçado e ondas de enjoo a invadiram. Ela chacoalhou a cabeça levemente tentando recuperar o controle de seu corpo.

Depois de alguns minutos, a dor atenuou um pouco mas a visão ainda permanecia enevoada. Foi quando ela notou que havia algo ou alguém ao lado do berço. Era uma imagem amorfa e indistinta que não estava ali antes. Ela piscou incessantemente até que sua visão voltou a focar. Imediatamente a rainha sentiu a garganta rasgar e tentou gritar apavorada, mas sua voz não respondia aos seus comandos e silenciava seus gritos.

A mulher sombria de cabelos pretos tirou o bebê do berço e o pegou delicadamente no colo.

- Sua filha é bela, Catarina. Ela dorme como quem não sabe o destino que a aguarda - disse Radassa com um olhar ameaçador.

A rainha atormentada virou-se na cama e tentou levantar, entretanto a dor intensa no ventre estava de volta e não permitia que suas pernas se firmassem no chão.

A mulher sombria recolocou o bebê no leito suavemente e com umas das mãos pegou uma adaga, escondida em seu vestido. Ela se preparou, levantou o braço, deu um sorriso perverso e mirou a princesa. Então, deu uma facada violenta dentro do berço.

A rainha entrou em extremo desespero. Sua

menina podia estar gravemente ferida, morta talvez. Apavorada, Catarina forçou as pernas no chão e tentou se levantar. As pernas fracas bambearam não suportando o peso e ela desabou no chão.

Radassa começou a rir baixo ao ver a rainha caída.

- Tenha calma, minha rainha, não fiz nenhum mal à sua menina, e não pretendo matá-la...

O som ofegante do respirar de Catarina era alto.

- Não ainda! - prosseguiu a mulher com uma voz rascante.

Catarina tentou rastejar. Fazendo um esforço imenso os braços procuravam levar o corpo em direção ao berço, mas pouco conseguia avançar.

A porta do quarto se abriu de repente.

- Alteza, o que aconteceu? - perguntou Orebe penetrando no cômodo vendo a rainha jogada no chão aos prantos. Rapidamente ele a recolocou na cama e chamou algumas criadas para ajudá-lo.

Não existia mais nenhuma ameaça no quarto. A mulher misteriosa havia desaparecido.

Catarina atônita com o que acabara de ver tentava fazer a voz sair de sua garganta:

- Pegue minha filha, Orebe, rápido e a traga aqui! - finalmente as palavras saíram de sua boca e cortavam o ar como uma lâmina feroz. Seus olhos jorravam água desanuviando sua alma em pânico.

Orebe foi ao encontro da princesa, pegou-a bruscamente ocasionando um choro alto e a entregou à mãe.

A rainha pegou Aurora em seus braços. Ao ver que estava em perfeita saúde apertou-a contra o tórax, soluçando de alívio. Seu coração continuava a dar tiros no peito. A imagem da facada ainda dilacerava seus pensamentos criando uma ferida latejante que impregnava sua mente. Repousando as costas nos travesseiros macios, Catarina aconchegou a menina em seu colo, e começou a aninhá-la, calando o choro agudo da criança.

Continue sua leitura:

https://www.amazon.com.br/Saga-Bela-Adormecida-Adormecendo-Escuro-C3A3o-ebook/dp/B00KSNFK00/ref=sr_1_1?qid=1588021021&refinements=p_27%3AK.+F.+Zacharias&s=digital-text&sr=1-1&text=K.+F.+Zacharias